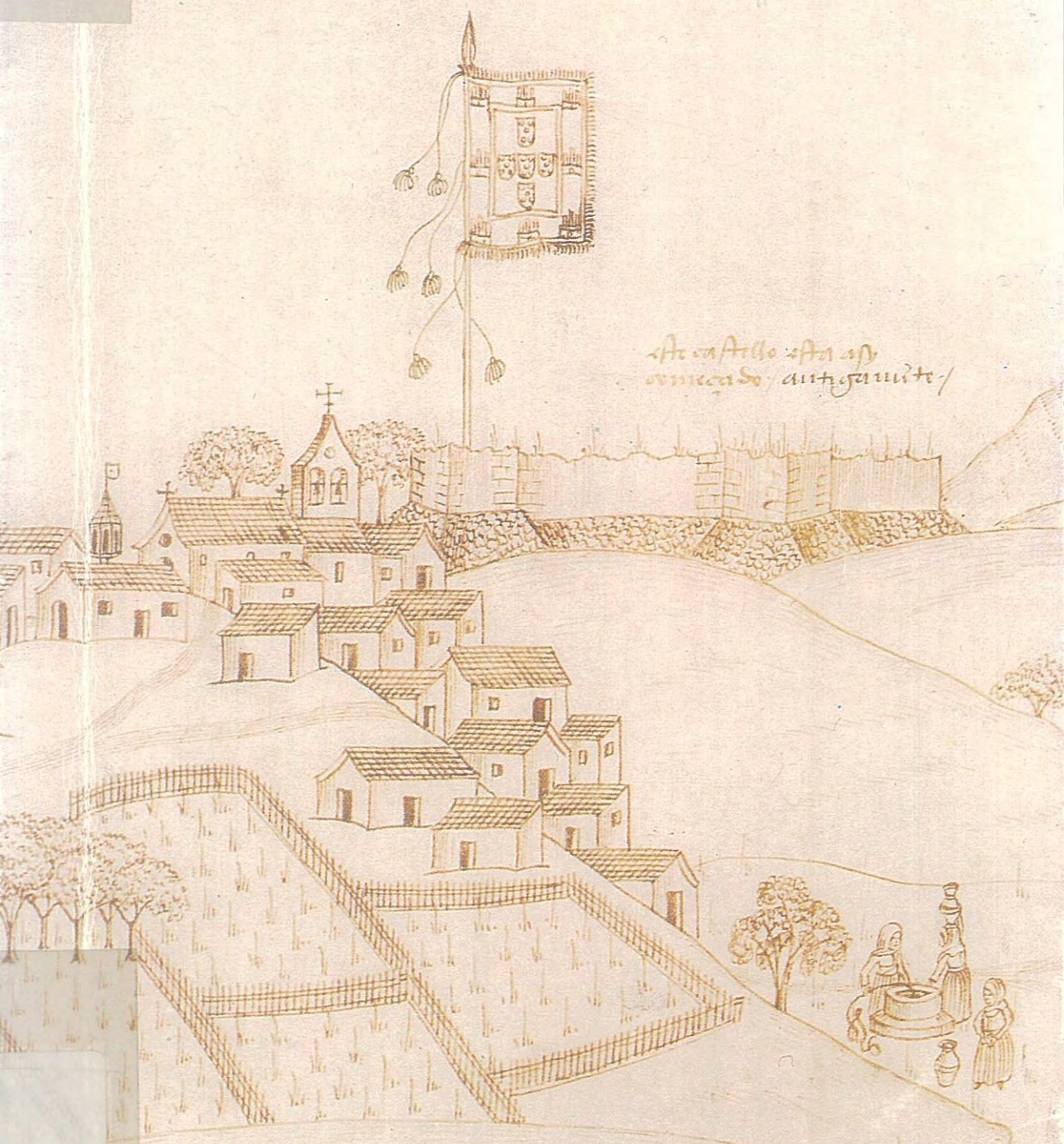


O CASTELO DE MONTALVÃO

cal



*Este castello esta assy
omniado / antigo mite /*

José Dinis Murta

José Dinis Murta

O CASTELO DE MONTALVÃO



**CÂMARA MUNICIPAL DE NISA
DELEGAÇÃO REGIONAL DA CULTURA DO ALENTEJO
1994**

FICHA TÉCNICA

Título:

O Castelo de Montalvão

Autor:

José Dinis Murta

Gravura da capa e da contracapa:

Pormenor em tamanho natural do desenho de Duarte D' Armas (princípios do Séc. XVI) do Castelo de Montalvão, vista do Sul e do Norte, respectivamente. (reprodução feita a partir de **Duarte D'Armas, Livro das Fortalezas**, fac-simile do MS. 159 da Casa Forte do Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Lisboa, 1990)

Projecto da capa:

José Dinis Murta

Composição e Impressão:

Gráfica Guedelha - Portalegre

Depósito legal n.º

84 936 / 94

ISBN

972 - 9144 - 12 - 5

Tiragem:

500 exemplares

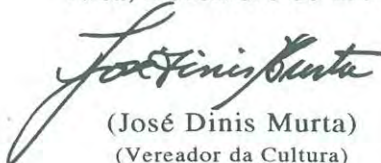
Edição:

Câmara Municipal de Nisa com o apoio da
Delegação Regional da Cultura do Alentejo
Dezembro / 1994

O presente trabalho "nasceu" como Proposta de Classificação para *O Castelo de Montalvão* a qual foi aprovada pela Câmara de Nisa, reunida em 28 de Setembro de 1993, e pela Assembleia Municipal, em 22 de Dezembro do mesmo ano. Foi enviada posteriormente ao Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico e, neste momento, o "imóvel" encontra-se "em vias de classificação".

Tendo sido publicado em *IBN MARUÁN - n.º 3 - 1993 - Revista Cultural de Marvão* e em separata esta esgotou-se rapidamente. Pelo interesse manifestado surge, assim, esta edição que conta com o apoio da Delegação Regional da Cultura do Alentejo, à qual, na pessoa da Ex.^{ma} Sr.^a Dr.^a Ana Borges, endereçamos os nossos sinceros agradecimentos e reiteramos o empenho na concretização de outras iniciativas no âmbito da cultura.

Nisa, Dezembro de 1994



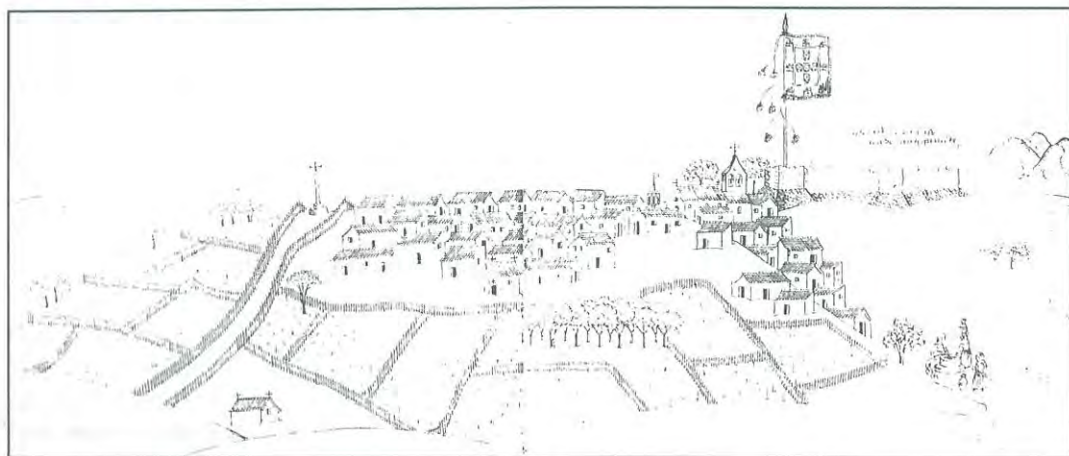
(José Dinis Murta)
(Vereador da Cultura)

O CASTELO DE MONTALVÃO

Proposta de Classificação ^(a)

José Dinis Murta

“Al amanecer se presentò delante del Castillo de Montalvanhà el Comandante Orell con las Tropas de su mando y dos piezas de Artilleria qua havia llevado à Castel de Vide; su intimación no fue inesperada ni feliz como la anterior; el Comandante o Gobernador de aquella fortaleza, animado por su bentajosa situación, y sobre todo por su proprio honor, respondiò con entereza, haziendo después por espacio de 14 horas un vivo fuego de cañon sobre el sitiador que tuvo la audacia de escopetear los parapetos de la Plaza viendose finalmente obrigado a retirarse no obstante los refuerzos que havia recebido.”(1)



Montalvão - vista do Sul - inícios do séc. XVI - desenho de Duarte d'Armas

Duplamente curioso é este relato sobre a resistência do pequeno Castelo de Montalvão, ocorrida no dia 3 de Junho de 1801, no decurso da denominada “Guerra das Laranjas”.

Curioso, porque escrito pelo inimigo que, por um lado, não poupou elogios à vantajosa situação da fortaleza e à honra do Governador e, por outro, não escondeu o inesperado e infeliz resultado da intimidação.

Curioso, também, porque castelos maiores, melhor guarnecidos, quer em recursos humanos, quer em armamento, como eram os de Portalegre, Marvão e Castelo de Vide, para citar apenas os mais próximos na linha de fronteira, foram abandonados, sem luta, às mãos do invasor espanhol.

Apenas quarenta e três anos distanciam, no tempo, este assédio inglório da descrição que, em 1758, Frei António Nunes de Mendonça fizera, nas “*Memórias Paroquiais*”, das características físicas da Fortaleza de Montalvão, seus efectivos militares e bocas de fogo.

Diz-nos este autor:

“25 - Hé praça de Armas, naõ capital, mas hé regular; está murada em redondo, cujas muralhas estão demolidas em muitas partes; tem castello muito bom, espaçoso, o pé do castello tem vinte e tantos palmos de altura; e está feito a escarpia, de sorte, que se lhe quiserem arrimar escadas para o conquistar, naõ assentam nem asseguram; e continuando sobre o mesmo castello todo ele hé murado, em redondo; e passa de trinta palmos de altura. Hé fechado com portas, tem duas peças de artilharia de ferro de calibre onze; outra de calibre sete; tem mais três roqueiros de ferro, que servem para as bocas das suas ruas, quando há invasão de inimigos. = Tem Armazém Corpo da Guarda, e Cisterna, mas estão estas duas muito demolidas: Tem seu fosso muito bom, e o Castello está dentro de muralha próximo da Igreja Matriz desta Villa; e fica em hum alto monte donde se avistam muitas terras principalmente as já nomeadas;...”

Frei António, referindo-se à Vila, havia escrito e “nomeado” em outras passagens:

“1 - Fica esta Villa na Província do Alentejo, hé Bispado de Portalegre, Comarca do mesmo, tem termo, freguesia própria.

(...)

4 - A sua situação está em hum outero, não munto alto e o ingresso para ela e exito não hé custoso; della se descobrem para as partes do Alentejo a Villa de Marvão, que dista cinco légoas; = a villa de Castello de Vide, que dista quatro légoas; = a villa de Nisa, que dista duas léguas; = e a Villa de Povoia e Meadas, que dista outras duas; = Para as partes da Beira se avista a Villa de Castello Branco, que dista cinco légoas; = a Villa Velha de Rodão, que dista duas léguas = ao Lugar das Sarnadas termo daquella Villa, que dista três légoas e para as partes de Castella não se avista povoação alguma.

(...)

27 - Naõ tem esta Villa no seu termo Serra alguma, nem nella nascem rios alguns; excepto dois, que correm pello termo, que divide este Reyno do de Castella; hum hé o Rio chamado Sever, que nasce no termo da Villa de Marvão, (...) e vai morrer no Rio Tejo, no termo desta Villa; (...) e hé este rio porto, e entrada para o Reyno de Castella; (...) O segundo e rio notável que corre pelo termo desta Villa hé o Tejo (...) Vem de Nascente a Poente, no termo desta Villa, e divide em algumas partes este Reyno do de Castella, e no termo desta Villa; dívide esta província da da Beira (...).”

Hoje, distingue-se, perfeitamente na paisagem espanhola, a povoação de Cedillo (Casalinho, para os portugueses) cujos habitantes, olvidando que o rio “*divide este Reyno do de Castella*”, mantêm, desde longa data, estreitas relações com os Montalvanenses - não só o intenso contrabando passava de uma para a outra margem do Sever, mas também jovens para se unirem pelos laços do matrimónio.

Ainda não vai longe o tempo em que todos os do lado de lá utilizavam indistintamente, no dia a dia, o português e o espanhol.

Pensamos que Casalinho não foi “nomeada” pelo autor que temos vindo a citar, por ser, talvez, na época, uma localidade muito pequena, um “casalinho”, aliás o progresso que vive hoje deve-o, em parte, à barragem hidro-eléctrica construída na década de setenta, pelo país vizinho, na confluência Sever/Tejo.

Mas retomemos as “Memórias” e a descrição do Castelo:

“... não padeceu ruína alguma pelo Terramoto; excepto um cunhal de huma torre, que dá vista a Castello de Vide, Marvão, Nisa e Póvoa e Meadas; mas esta ruína foi de huma tempestade que houve há anos, e ainda se não acha reedificada; e hé esta terra a última da Província, pelo que respeita a estrada, que vai para Castello Branco; e parte do Reyno no que diz para Ferreira Reyno de Castella, hum quarto de légoa. Tem governador pago = Capitaõ Mayor = Sargento Mayor das Ordenações, tem duas companhias das ordenanças com seus capitões, Alferes, e Ajudante; a Companhia do Cappitaõ António Váz Affonso tem cento e dez praças; e a do Cappitaõ Gregório Dias Artur tem entre sargentos, cabos e soldados noventa e seis praças; e não há mais que dizer a este respeito.”(2)

Não dispomos de mais fontes que nos possibilitem aquilatar do valor que esta praça fronteiriça do actual território do Concelho de Nisa (Montalvão foi sede de concelho de 1512 a 1836) teve no desenrolar de eventos bélicos e políticos da nossa História Pátria, quer em lutas intestinas, quer na defesa de incursões do país vizinho, mas D. Dinis, suposto fundador, ao determinar a sua construção, talvez sobre as ruínas de um castro romanizado, fê-lo pensando, certamente, no contributo que a sua posição estratégica poderia dar, com as suas congéneres vizinhas - Castelo de Vide e Marvão -, para a protecção desta franja do território. (b)

A fazer jus a esta sua nobre posição em zona fronteira Duarte d’ Armas incluiu-a em duas vistas (Norte e Sul) na sua colecção de “desenhos”.

Mas longe estamos das imagens visuais deste hábil desenhador e das descrições de Frei António de Mendonça e de Luís Rancaño.

Perdidas as funções originais, o Castelo entrou “em ruína”, já denunciada por Pinho Leal em 1875 (3) e tem vindo a sofrer, no decurso do tempo, reutilizações diversas - cemitério (desde época indeterminada mas, provavelmente, desde meados do século passado até 1951) e parque infantil - e sofreu amputação, junto à porta, para a edificação, nos anos sessenta desta centúria, do depósito de água abastecedor da localidade.

Hoje, ainda que orgulho dos montalvanenses, considera-se pouco mais que maltratado miradouro.

Engrandece-se quando desperta “curiosidade” e lhe avivam a memória com recordações da resistência frente ao “espanhol”, porém, sente-se pequenino e vencido pelo altaneiro e dominador colosso de betão que lhe plantaram à porta, não sentinela, mas, quiçá, arauto de novas desgraças.

Orgulha-se da sua planta “em redondo” e das suas pedras xistentas, material da região onde o quiseram “defensor”, dispostas frequentemente em “espinha”, técnica construtiva que não conhece em nenhum dos seus pares.

Espera que cesse a incúria dos homens e que o valorizem e salvaguardem, como fazem ao seu contemporâneo da Vila de Nisa ou ao seu congénere mais novo de Amieira do Tejo.

Compraz-se por, apesar de tudo, ver o seu nome inscrito nos programas da “Rota dos Castelos”, iniciativa que agradece à “Comissão Regional de Turismo de S. Mamede”.

Aguarda que o asfalto da estrada que já “corre a seus pés” para as bandas do Norte, se estenda até à foz do Sever, estabeleça ligações fáceis às Beiras e fortaleça os laços de amizade

entre os de Montalvão e os de Casalinho, entre os de aquém e de além rio, e que, daí, se colham frutos de uma almejada promoção turística, para si e para os da “terra”.

Deseja que as suas pedras seculares e medievas como as da vizinha Igreja Matriz, companhia que o envaidece, mereçam o mesmo respeito que os homens votam a estas.

Não quer ter o mesmo infortúnio de um outro do concelho que El-Rei Lavrador também edificou - o de Alpalhão - do qual apenas restam os “desenhos” de Duarte d’ Armas, um ou outro “escrito” e vestígios na toponímia local (Rua Direita, Rua do Castelo e Ribeiro do Castelo).

Pretende continuar a ser o lugar do piloto do avião de carreira que é Montalvão, em formato, segundo o poeta popular que viu nascer - António José Belo.

*Montalvão tem o formato
De um avião de carreira,
No Castelo vai o piloto
Quase a chegar à fronteira.*

*Com as asas bem formadas,
Das Almas ao S. João,
A corredoura é a cauda,
O Outeiro o coração.*

*Bernardino e Santo André
São as bóias de apoiar,
Porque este avião é
Dos que apoisa no mar.*

*Este conjunto de ruas
Faz esta transformação:
Ruas Direita e de Cabo,
O cimo do avião.*

*Quem conhecer Montalvão,
Verá que isto é verdade:
A forma de um avião,
Mesmo quando está parado.*

Pelo exposto - valor histórico/militar, cultural, social, paisagístico e, ainda, em técnicas de construção - e ao abrigo da legislação em vigor, propomos que o Castelo de Montalvão e espaço envolvente sejam objecto de classificação.

Considerando, porém, que a Igreja Matriz e todo o seu recheio se encontram classificados como Imóvel/“bens culturais móveis” de Valor Concelhio, propomos que estes dois monumentos (Castelo e Matriz) sejam integrados num conjunto que, englobando os terreiros/adros da Igreja, confina com a via pública e com os prédios rústicos que se discriminarão.

Todos os prédios a seguir mencionados encontram-se registados na Repartição de Finanças de Nisa, Freguesia de Montalvão. A saber:

O Castelo, considerado prédio rústico, é registado com o nome de Cemitério Antigo, na Secção DD, artigo 67 e como pertença da Fazenda Nacional.

A Igreja Matriz, prédio urbano, tem o n.º 1350 e como proprietário a Fábrica da Igreja da Freguesia de Montalvão.

Os prédios rústicos confinantes têm assento:

Nome do prédio	Secção	Artigo	Proprietário - Residência
Serventia	DD	68	António Belo Reis Gonçalves - Montalvão
Serventia	DD	69	Vitor Antunes Galvão - Montalvão
Serventia	DD	70	Joaquim Manuel Margarido - Montalvão
Serventia do Castelo	DD	71	Bento Maria da Silva Leitão - Montalvão
Retrete	DD	72	António Possidónio Ramos - Montalvão
Serventia	DD	215	Joaquim António Sousa - Montalvão
Serventia	CC	225	António Pedro F. Pimentel (Herdeiros) - Montalvão
Vinhas	CC	226	João Marcelino de Matos - Montalvão

----- / -----

NOTAS

(1) Excerto do *Diario de Operaciones contra Portugal - año de 1801 - División de Vanguarda*, redigido por Luís Ranaño, transcrito in VENTURA, António, *O Combate de Arronches - Um episódio da "Guerra das Laranjas"*, edição da Câmara Municipal de Arronches, Odivelas, sem data, pág. 114.

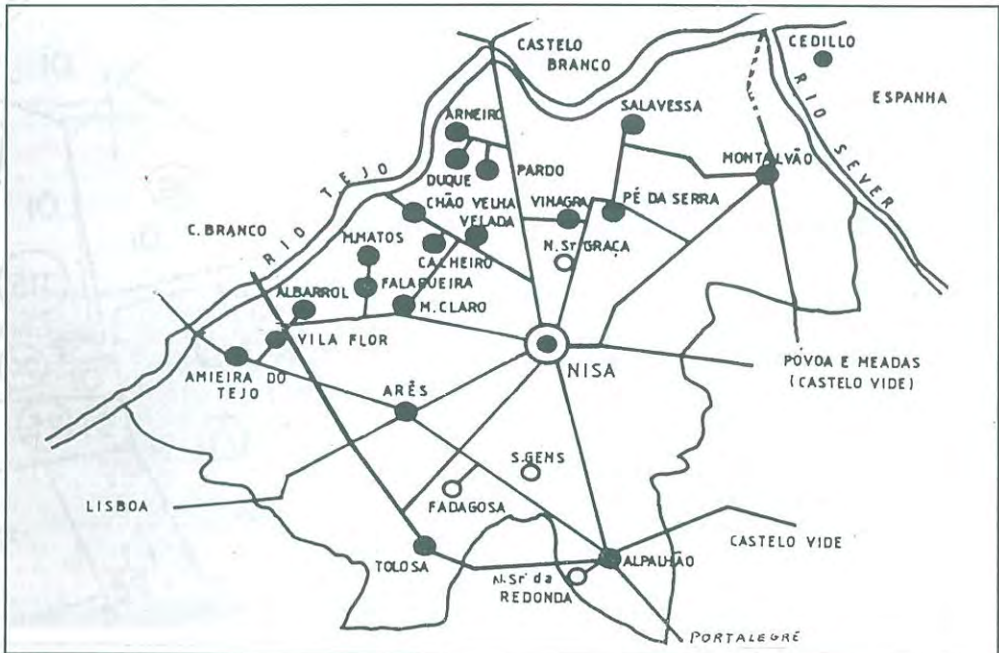
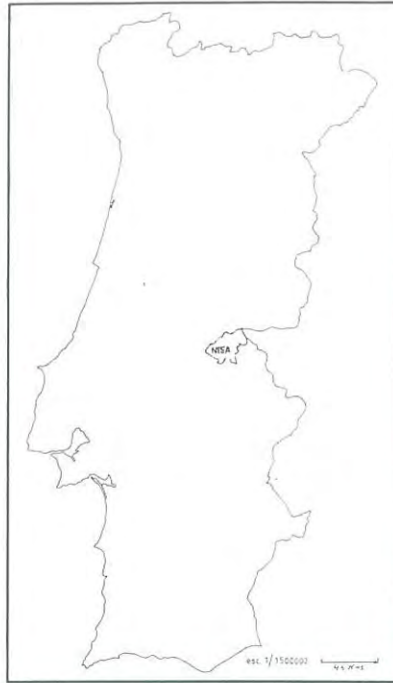
(2) Extractos das "*Memórias Paroquiais*" recolhidos in *Montalvão - elementos para uma monografia desta freguesia do concelho de Nisa*, edição da Comissão Conservadora das Obras da Ermida de Nossa Senhora dos Remédios de Montalvão, Aveiro, 1980, págs 27, 28 e 31 a 33.

(3) Augusto Soares d' Azevedo Barbosa de Pinho Leal, *Portugal Antigo e Moderno*, Lisboa, 1875, vol. V, pág. 453.

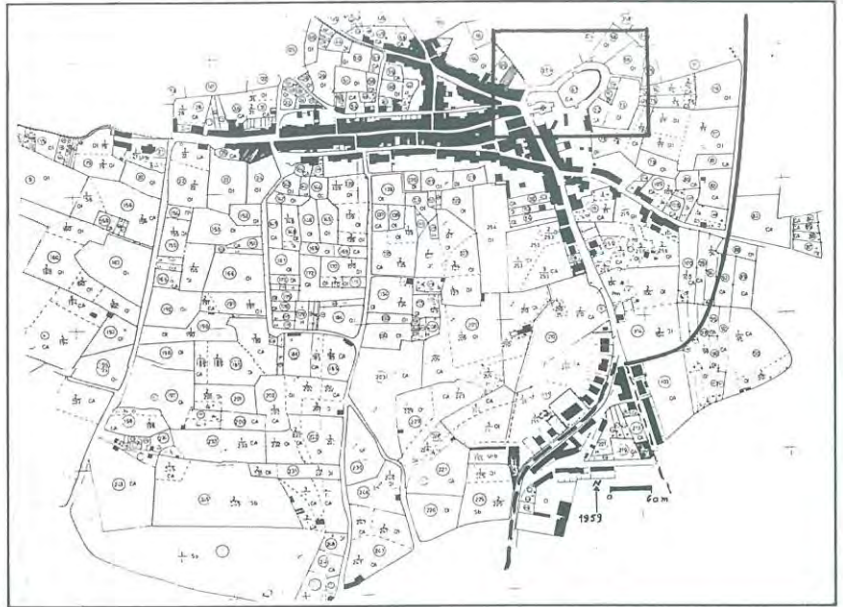
(a) Esta proposta consta da *ordem de trabalhos* da sessão da Assembleia Municipal de Nisa a realizar em 22 de Dezembro de 1993.

(b) Em investigações efectuadas em data posterior à elaboração da proposta constatámos que o Castelo de Montalvão já é referido na *Crónica do Mouro Rasis (Séc. X)*.

O CONCELHO DE NISA

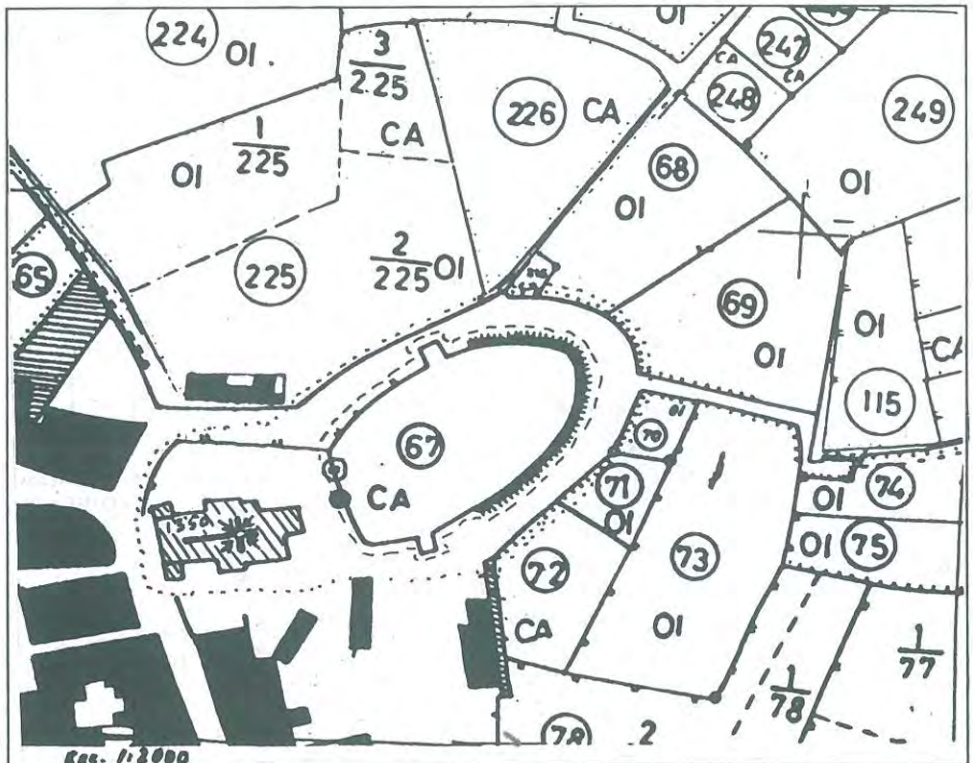


MONTALVÃO



LEGENDA

- - Estrada para a foz do Sever
(em fase de conclusão)
- - - Estrada para Nisa
- - - Estrada para Póvoa e Meadas e Castelo de Vide



LEGENDA

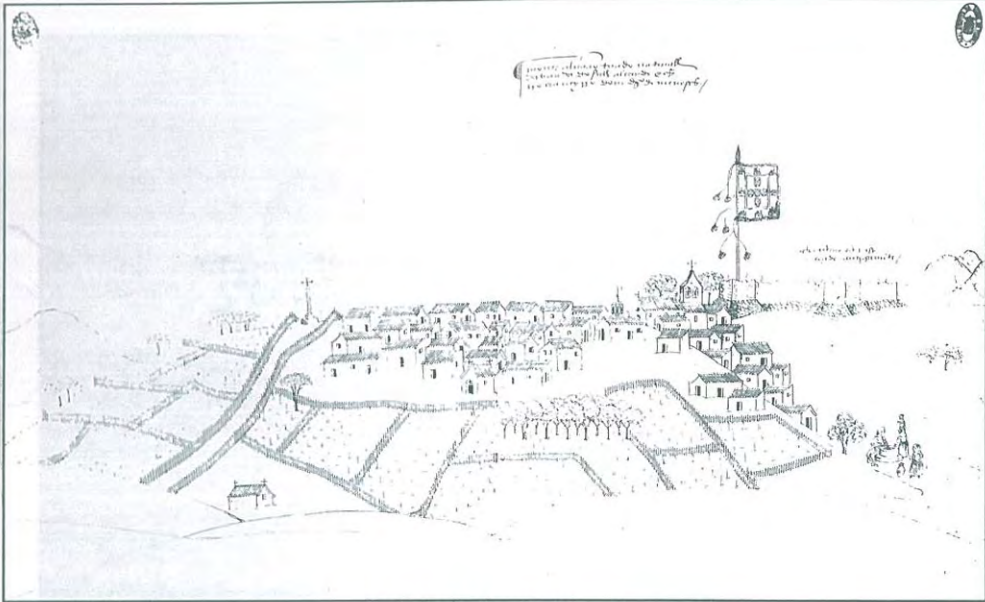
- - - Castelo
- ⊙ - Porta do Castelo
- |||| - Igreja Matriz
- - Depósito de água
- Limites do conjunto

Esc. 1:2000

MONTALVÃO

VISTA DO SUL

Passado - Séc. XVI

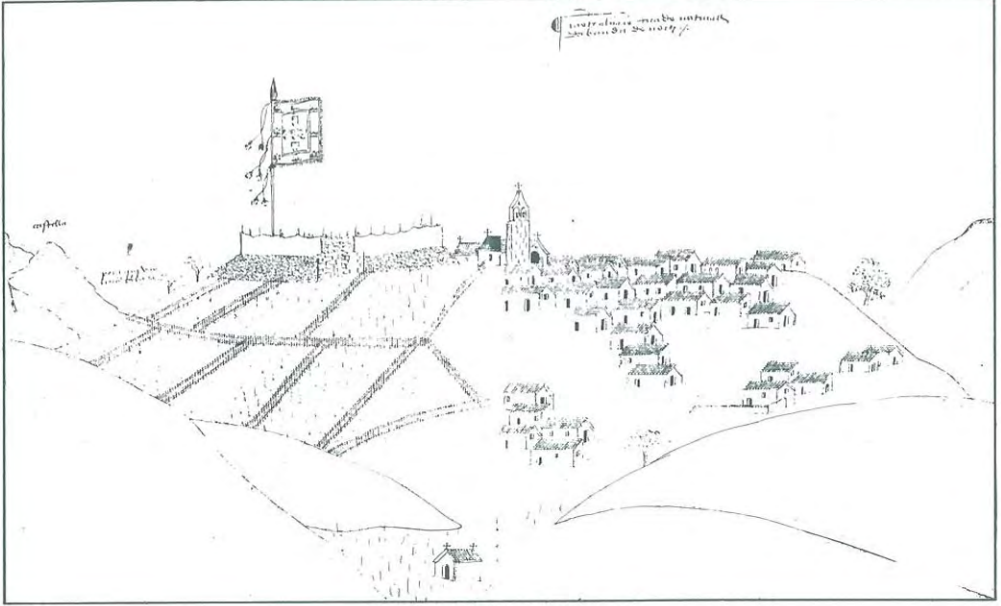


Desenho de Duarte d'Armas

Presente



MONTALVÃO
VISTA DO NORTE
Passado - Séc. XVI



Desenho de Duarte d'Armas

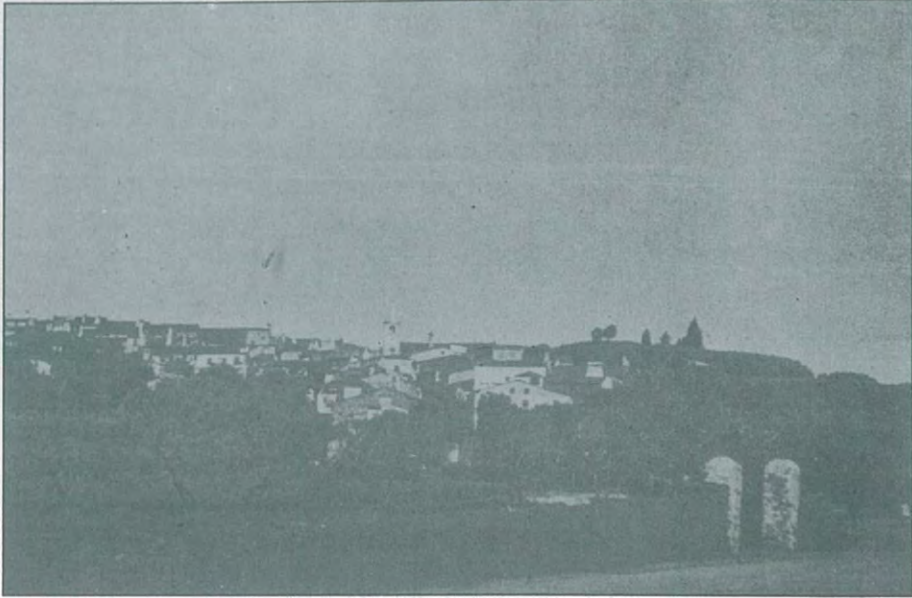
Presente



**MONTALVÃO
O CASTELO**

VISTA DO SUL

Passado - Séc. XX
(antes dos anos sessenta)



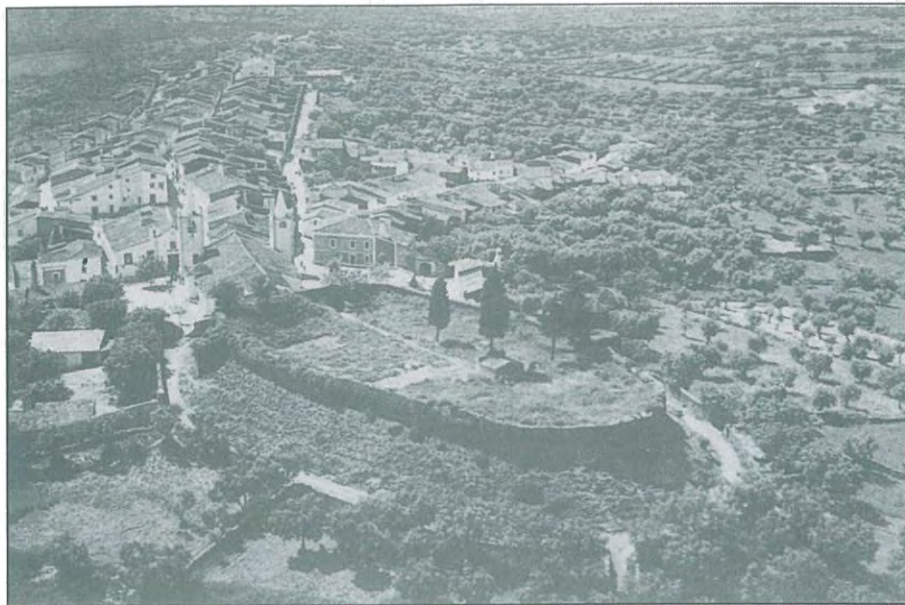
(in *Montalvão*, edição da Comissão Conservadora das obras da Ermida de Nossa Senhora dos Remédios de Montalvão, Aveiro, 1980, entre pág.s 48 e 49, foto n.º 1)

Presente



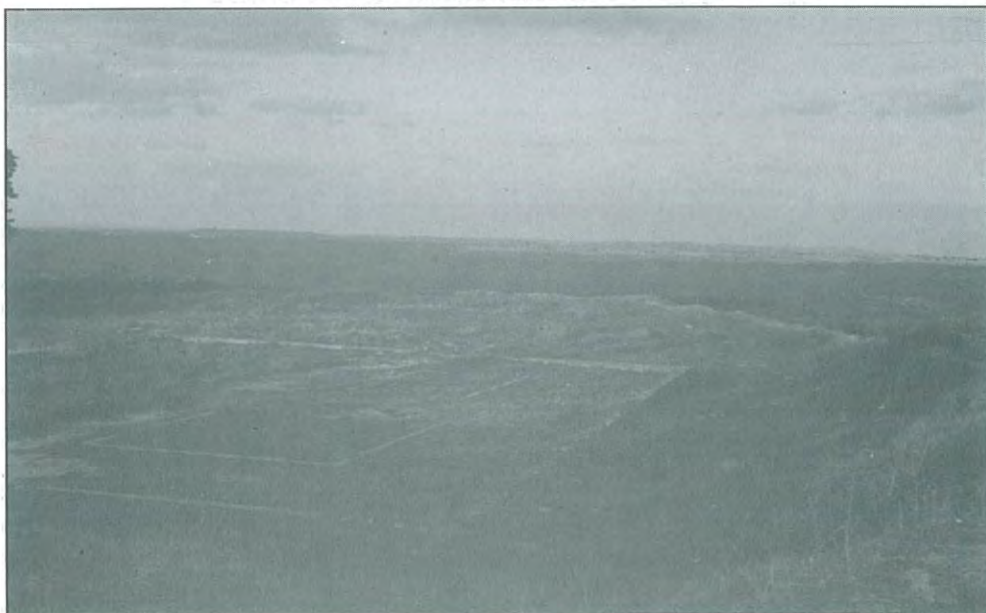
MONTALVÃO O CASTELO

Passado - Séc. XX
(antes dos anos sessenta)



(in *Jornal do Exército*, n.º 376, Abril de 1991, pág. 30)

Presente



Vestígios do parque infantil e paisagem de Espanha

**MONTALVÃO
O CASTELO**

Presente



Torre Norte



Torre Sul

MONTALVÃO O CASTELO

Presente



Pormenor da técnica de construção (sul)



Porta do Castelo e depósito de água

INSTITUTO
PORTUGUÊS DO
PATRIMÓNIO
ARQUITECTÓNICO E ARQUEOLÓGICO



Direcção Regional de Évora

70.0
20.0

Exmº Sr.
Presidente da Câmara Municipal de
Nisa
Câmara Municipal de Nisa
6050 Nisa

Sua referência

Ofº nº1877 OAP/PDM 94.05.09

Procº 9.5.17

Sua comunicação de

94.05.09

Nossa referência

Ofº nº 94/907

Procº DRE 1/51(94)

R. de Burgos, 5

P-7000 ÉVORA

Telef. 066-22138, Fax 066-22126

Assunto: **Abertura do processo de classificação do Castelo de Montalvão**

De acordo com o despacho do Presidente do IPPAR, de 20/10/94, e considerando que o Castelo de Montalvão reúne, mercê da sua situação geográfica e importância histórica, as condições necessárias à sua classificação como Imóvel de Interesse Público, vimos por este meio informar V.Excª de que o processo se encontra em fase de instrução, estando desde já abrangido pelas disposições legais em vigor adequadas à protecção e salvaguarda dos Bens Imóveis, a saber: artºs 25º a 48º do Decreto nº 20985, de 7 de Março de 1932, do Decreto-Lei nº 28468, de 15 de Fevereiro de 1938, do Decreto nº 38888, de 29 de Agosto de 1952, nº 2 do ponto 1º do Artigo 19º do Decreto-Lei nº 46394, de 22 de Maio de 1965, do Decreto-Lei nº 1/78, de 7 de Janeiro, do Decreto-Lei nº 59/80, de 3 de Abril, da Lei 13/85, de 6 de Julho, Decreto-Lei nº205/88, de 16 de Junho e Decreto-Lei nº 216/90, de 3 de Julho.

Segundo esta legislação, lembramos a V. Excª que o Castelo de Montalvão passa a integrar a categoria dos imóveis em vias de classificação não podendo, em conformidade, "ser demolido, alienado, restaurado ou alterado sem prévia aprovação do IPPAR".

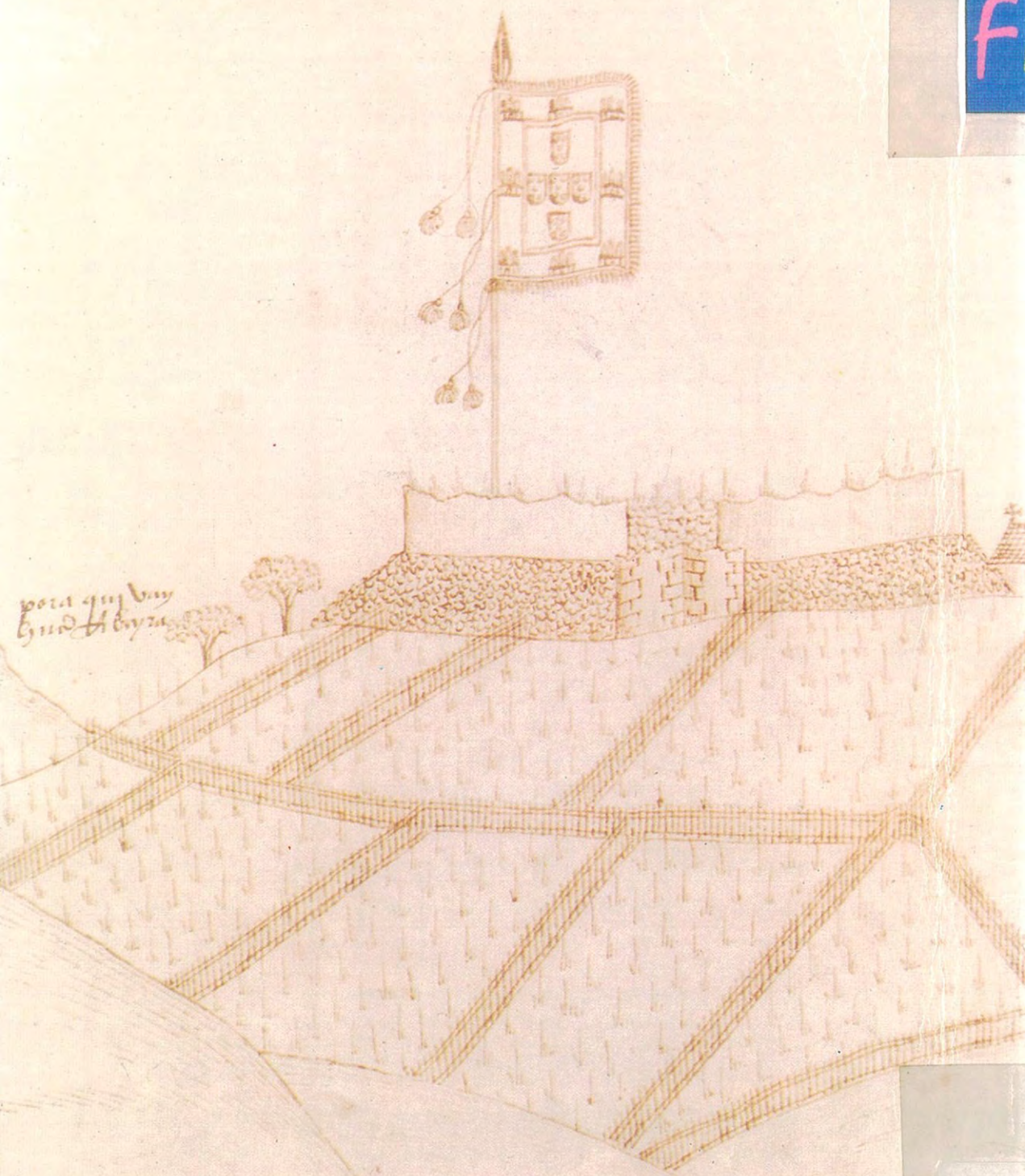
Com os nossos melhores cumprimentos,

O Director Regional,

(António Pestana de Vasconcelos)

F

para que
haja a



CÂMARA MUNICIPAL DE NISA

SEC

DELEGAÇÃO REGIONAL DA CULTURA DO ALENTEJO

DEZEMBRO / 1994

